

Marxism and Social Movements

COLIN BARKER, LAURENCE COX, JOHN KRINSKY E ALF GUNVALD NILSEN (EDS.)
Leiden/Boston: Brill, 2013, 473p.

Andréia Galvão*

Como seria uma teoria marxista dos movimentos sociais e qual o seu impacto sobre a teoria marxista? Ao formular tal interrogação, este livro, publicado em 2013, explicita um paradoxo: o marxismo é fruto da experiência dos movimentos populares de seu tempo e tem como objetivo contribuir para com esses movimentos, mas não desenvolveu nenhuma teoria de movimentos sociais, nem refletiu sobre como um conceito de movimento social se relacionaria com outros conceitos fundamentais do marxismo. Nesse sentido, o livro vem preencher uma importante lacuna: embora seus autores não apresentem uma teoria propriamente dita, realizam um esforço de sistematização, considerando que a crise financeira global e o florescimento de protestos em escala mundial constituem um momento propício para essa tarefa.

A relevância do livro também se deve ao esforço de diálogo com as perspectivas teóricas que dominam o campo de estudos sobre o tema. Assim, se o *mainstream* evita debater com o marxismo, seus autores rompem esse silêncio, perguntando-se como o marxismo, em suas diferentes vertentes, pode responder às limitações das teorias convencionais. Enquanto estas pensam os diferentes movimentos sociais de forma desconectada, os autores se propõem a discutir o que há de comum entre eles, integrando aspectos subjetivos e objetivos, as resistências cotidianas

* Professora do Departamento de Ciência Política da Unicamp. E-mail: agalvao@unicamp.br.

a questões estruturais, recusando-se a dissociar a dimensão cultural das relações sociais de produção. Além disso, criticam as interpretações estáticas e deterministas do marxismo, reiterando que este não se ocupa apenas do movimento operário, tampouco é desatento às mudanças, por menor que seja o seu alcance.

O livro é composto por dezoito capítulos, divididos em três partes: a primeira trata de questões teóricas; a segunda do que a perspectiva marxista pode oferecer para a análise concreta; e a terceira da abordagem histórico-comparativa. Os capítulos abordam movimentos variados, como o movimento sindical, piqueteiros, LGBT, movimento por justiça global, e compreendem temas tão diversos quanto a relação entre burocracia e base, a relação entre movimento social e política, o neoliberalismo, a questão colonial e pós-colonial, o internacionalismo negro e a historiografia marxista britânica. Na impossibilidade de reconstituir cada um dos capítulos nesta resenha, vamos nos concentrar naqueles que, a nosso ver, permitem uma visão do conjunto da obra.

Em “Class Struggle and Social Movements”, Colin Barker estabelece uma relação entre revolução e movimentos sociais. Sem atribuir um caráter inerentemente revolucionário aos movimentos sociais ou restringir sua definição a momentos de superação da ordem social, o autor destaca o potencial transformador da ação coletiva. Considera que ganhos parciais, como os direitos reconhecidos por meio das lutas sindicais, alteram as estruturas políticas do capitalismo. Assim, o autor reconhece as várias formas de resistência à exploração e à opressão, bem como as diversas formas dos dominantes conterem a resistência dos dominados, seja mediante a repressão ou a dominação ideológica. A ênfase nas classes, conceito definido de modo relacional, não equivale a reduzir tudo a uma questão de ordem econômica ou à oposição de classe contra classe. As resistências à exploração não se traduzem necessariamente em interesses de classe, pois as classes não são um todo homogêneo e coerente. Além disso, a luta de classes não se dá apenas entre movimentos, mas também no seu interior.

Em “What Would a Marxist Theory of Social Movements Look Like?”, Alf Nilsen e Laurence Cox propõem uma definição abrangente de movimento social, que compreende a ação das classes dominantes e dominadas, cujo acesso ao Estado é desigual. Assim, há movimentos sociais dos “de cima”, destinados a reproduzir e estender a posição hegemônica dos grupos dominantes, e dos “de baixo”, mediante os quais os grupos subalternos procuram impor desafios à ordem social. Os autores entendem que a disputa entre dominantes e subalternos leva a constantes processos de mudança, mas estes não necessariamente modificam substancialmente a estrutura social.

Em “The Strange Disappearance of Capitalism from Social Movement Studies”, Gabriel Hetland e Jeff Goodwin apontam que as teorias contemporâneas negligenciam o papel do sistema mundo capitalista no desencadeamento de protestos. Os autores observam a importância do capitalismo para a compreensão dos movimentos sociais, pois instituições capitalistas são frequentemente a fonte

ou o alvo das reivindicações populares, moldam identidades coletivas e solidariedade, distribuem desigualmente poder e recursos. Além disso, ideologias e pressupostos culturais ligados ao capitalismo moldam as estratégias e demandas dos movimentos. Mesmo que um movimento não faça demandas materiais, o capitalismo produz efeitos diretos e indiretos sobre ele, a exemplo do movimento LGBT, indiretamente afetado pelo movimento operário por causa do papel por este desempenhado no desenvolvimento de Estados de bem-estar social, o que possibilitou a extensão de direitos aos homossexuais.

“Marxism and the Politics of Possibility: Beyond Academic Boundaries”, de John Krinsky, argumenta que problemas organizacionais, políticos, culturais, não são separados e que os próprios ativistas têm a percepção de que lutas geograficamente distantes e distintas entre si estão conectadas. As lutas contra a austeridade, a perda de direitos, o déficit democrático, podem ser articuladas política e teoricamente, à luz da construção de projetos hegemônicos. A partir de categorias como totalidade, contradição, coerência, imanência e práxis, o marxismo pode confrontar questões colocadas por diferentes movimentos e perspectivas teóricas, de modo a ampliar o escopo de análise e superar os limites entre campos disciplinares.

A ideia de movimento como processo, como aprendizagem, é defendida por Lawrence Cox em “Eppur si Muove: Thinking ‘the Social Movement’”. O autor sustenta que os próprios movimentos ampliam suas pautas, aprendem uns com os outros, incorporam diferentes formas de luta e manifestam-se contra as diversas opressões, sendo possível observar ligações inclusive entre movimentos que eclodem em épocas distintas.

Neil Davidson, em “Right-Wing Social Movements: the Political Indeterminacy of Mass Mobilisation”, aborda uma questão polêmica, não apenas por reconhecer a existência de movimentos sociais dos “de cima”, mas também por considerar que os movimentos sociais dos “de baixo” não são necessariamente progressistas. Os movimentos de direita, que tendem a crescer sob o neoliberalismo, se opõem ao Estado e aos pobres. Esses movimentos têm como base social a classe média, mas há diferenças em seu interior: a alta classe média e a pequena burguesia tendem a ser mais liberais; a baixa classe média e os trabalhadores assalariados mais xenófobos e nacionalistas. Além disso, há diferenças subjetivas conforme o setor no qual a classe média se insere: a que se insere no setor público tende a ser mais social-democrata ou liberal-democrata, enquanto no setor privado tende a ser mais conservadora. A classe média pode ser ainda ao mesmo tempo “liberal (de ‘esquerda’) em questões sociais e neoliberal em questões econômicas” (p.286). Essa questão é de especial interesse para a análise das manifestações no Brasil contemporâneo.

Os aspectos aqui mencionados não esgotam a riqueza da obra. O livro ganharia se os autores procurassem enfrentar, talvez num capítulo conclusivo, suas divergências teóricas, sobretudo no que se refere à existência de movimentos sociais dos “de cima” e de direita. Isso lhes permitiria avançar na elaboração de uma teoria marxista dos movimentos sociais, tarefa que permanece na ordem do dia e para a qual o livro convida o leitor a contribuir.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Análises feministas materialistas e imbricionistas

Jules Falquet

Benjamin leitor de Marx

Anita Schlesener

Crítica à leitura lukacsiana do jovem Marx

Armando Boito Jr.

Segunda servidão no Leste

Sergey D. Skazkine

Dossiê: Imperialismo brasileiro?

Virgínia Fontes, Tatiana Berringer,
Mathias Luce e Angelita Souza

36